

## As reflexões de Mário Quintana sobre o fim da vida

Walace Rodrigues<sup>1</sup>

### Resumo

Este escrito busca refletir sobre a figura da morte nos poemas de Mário Quintana. A longevidade de tal poeta fez com que ele refletisse sobre o fim da vida em seus poemas, e deixasse ver como ele encara tal fim e trabalha com ele. Busca-se aqui que a análise dos três poemas quintaneiros ("A imagem perdida", "O último poema" e "Quem disse que eu me mudei?") possa suscitar interpretações múltiplas sobre o fim da vida na lírica de Quintana. Enquanto estratégica metodológica, utilizamos uma análise dos sentidos dos poemas. A suavidade poética com que Quintana encara a morte deixa-nos emocionados com o que vivemos em vida.

**Palavras-chave:** Mário Quintana; Fim da vida; Lírica.

### Abstract

This article seeks to think about the figure of death within the poems by Mário Quintana. The longevity of this poet made him to reflect on death in his poems and let us see how he faces and works with it. Hereby one seeks to analyse three chosen poems ("The lost image", "The last poem" e "Who have said that I have moved?") in order to arouse multiples interpretations regarding the figure of the death in Quintana lyric. As methodological strategy we use an analysis of the senses of the poems. The poetic softness in which Quintana faces death let us emotionally happy about our lives.

**Keywords:** Mário Quintana; Death; Lyric.

### Introdução

Este artigo tenta compreender as relações entre a figura poética da morte em poemas de Mário de Miranda Quintana, um poeta gaúcho que viveu até seus 87 anos (1906-1994).

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [walace@uft.edu.br](mailto:walace@uft.edu.br)

Essa longevidade parece tê-lo feito refletir sobre a morte em vários de seus poemas.

A reflexividade acerca do fim da vida e dos desdobramentos da vida já vivida se mostram nos três poemas escolhidos para análise neste artigo. São eles: “A imagem perdida”, “O último poema” e “Quem disse que eu me mudei?”. Os professores Ireneo Martin Duque e Marino Fernandez Cuesta (1982), da Universidad de Puerto Rico, nos definem o que é a imagem para a poesia:

*Imagem:* Elabora-se a imagem a base de relações ou de vivências psíquicas associadas de alguma maneira na mente do poeta. As imagens são o recurso mais rico que tem o poeta para o embelezamento da criação poética. Ao mesmo tempo o poeta pode fazer reviver e provocar diversas sensações na mente do leitor. (DUQUE; CUESTA, 1982, p. 23, tradução nossa).

Quando lemos os livros dos poetas, como os de Mário Quintana, somos como visitantes em suas casas. Tratam-nos com carinho, com sua alegria, sua dor, seu choro, seus risos, suas mazelas e ternuras.

Os três poemas escolhidos para análise neste artigo foram retirados de uma coletânea de poemas deste autor intitulada *Quintana de Bolso*, de 2007, da parte do sumário nomeada “Preparativos de viagem”.

Ainda, notamos que poeta já idoso (com 80 anos de idade) se preparava para “viajar”, porém não sabia o destino final, quando e como chegaria lá, questionando os vários caminhos possíveis pelos quais o fim da vida nos levaria. Utilizamos de uma passagem de Saddi (2011), quando esta fala da força da linguagem verbal, assim como a força da imagética lírica de Mário Quintana:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos. (SADDI, 2011, p. 4010).

O interesse em analisar esses três poemas de Quintana em relação à sua utilização da figura poética da morte vem a partir das possibilidades de pensar imagens variadas em poesia, levando-nos a refletir, de formas múltiplas, sobre como um poeta lida com determinada imagem

lírica e como ele a transforma.

### O fim da vida na lírica de Quintana

Gostaríamos de, brevemente, apresentar o poeta do qual trata este texto. Mário de Miranda Quintana, gaúcho, nascido em 1906 e falecido em 1994, é considerado por muitos críticos literários um dos maiores nomes da poesia nacional. Ele publicou 19 livros de poesias, sendo o primeiro, *A rua dos cataventos*, lançado em 1940, e o último, *Água*, de 2011, uma publicação póstuma. Também publicou seis livros infantis e teve doze antologias enquanto era vivo. Foi nomeado três vezes à Academia Brasileira de Letras, porém nunca ganhou uma cadeira na casa.

Quintana, quando inclui a morte em seu discurso poético (lembramos a morte é algo do qual nós humanos queremos sempre olvidar) é sempre de forma doce e forte, mas, também, de maneira sutil.

Utilizamos aqui de uma passagem do *Dicionário de símbolos* de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1996) para colocar alguns aspectos inerentes à morte e à sua força para o ser humano e a visão desta como um inevitável rito de passagem:

**Morte** - A morte marca a conclusão absoluta de algo positivo, como o ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, um relacionamento, a paz ou uma era. Como é um símbolo, morte é o impermanente e o deteriorável aspecto de viver. Ela aponta para o que sumirá na inevitável evolução das coisas materiais e é oposta ao simbolismo de Terra. No entanto, ela também conduz aos desconhecidos mundos de Céu e Inferno, demonstrando assim sua ambivalência, como Terra, e colocando-se, em alguns aspectos, no mesmo plano dos ritos de passagem (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 276, tradução nossa).

Também, o filósofo Jean-Paul Sartre, quando comentando a obra *O estrangeiro*, de Camus, analisa a morte dentro da categoria do “absurdo”, como colocamos aqui: “Morte, o irredutível pluralismo das verdades e dos seres, a ininteligibilidade da realidade, mudança – esses são os componentes principais do absurdo” (SARTRE, 2007, p. 74-75, tradução nossa).

Neste mesmo sentido de absurdo, a morte pode ser considerada como o fim das formas,

aproximando-se do informe de Georges Bataille, como nos comenta o professor Raul Antelo (2010), posto que a morte pode ser entendida, também, como a oposição à matéria, ao amor, à vida:

Fricção, ou seja, a ficção da ficção significa rasurar como gesto, é uma a maneira de pensar o nascimento da arte. Era isso que Bataille dizia da Olímpia e é por isso que entendo que a fricção é paradoxal, quando ele pensa Lascaux através do gesto com que o pintor anônimo marcou sua presença, não se trata de realismo, pois não se trata apenas de uma cena de caça qualquer. O que interessa é o fato de que essas figuras são ictifálicas, gozam na iminência da morte, daí a pergunta: que vínculo há entre amor e morte? Aproximar essas duas coisas, friccionar amor e morte, é o que nos permite inventar um outro materialismo, um baixo materialismo (ANTELO, 2010, p. 276).

No entanto, a força da morte é o que fica para nós. Ela nos conduz ao desconhecido, pode ser considerada como um rito de passagem para outro “lugar”, ou mesmo ser o fim derradeiro, a conclusão absoluta de algo, porém sua força sobre nós é inegável.

Temos que nos perguntar aqui: por que não refletimos mais sobre a morte (nossa única certeza em vida)? Por medo? Por receio de que ela nos venha visitar de repente e não nos dê tempo de completar nossos projetos? Parece-nos que somente sabemos lidar com a morte através do que já perdemos, do tempo que passou, de tudo aquilo que o tempo “matou”.

O poeta parece culpar o tempo por seu fim de vida e, talvez, por isso se utilize tanto de suas lembranças. Em sua poesia, o tempo é tomado como elemento ritualístico, revitalizando memórias, recuperando períodos de vida e mitificando-os. Utilizamo-nos aqui de uma bela passagem de Junito de Souza Brandão (2007) sobre a ideia de tempo:

À ideia de reiteração prende-se a ideia de *tempo*. O mundo transcendente dos deuses e heróis é religiosamente acessível e reatualizável, exatamente porque o homem das culturas primitivas não aceita a irreversibilidade do tempo: o rito abole o tempo profano e recupera o tempo sagrado do mito. É que, enquanto o tempo profano, cronológico, é linear e, por isso mesmo, irreversível (pode-se “comemorar” uma data histórica, mas não fazê-la voltar no tempo), o tempo mítico, ritualizado, é circular, voltando sempre sobre si mesmo. É precisamente essa reversibilidade que libera o homem do peso do tempo morto, dando-lhe a segurança de que é capaz de abolir o passado, de recomeçar sua vida e recriar o mundo. O profano é o tempo da vida; o sagrado, o “tempo” da eternidade (BRANDÃO, 2007, p. 40).

O poeta se coloca, assim, como um subalterno “mitológico”, incluindo a lógica e a figura mítica da morte em seu discurso poético. Assim sendo, Quintana nos abre a possibilidade de pensarmos sobre a morte em um mundo onde tudo é movimento ritualizado. E sua estratégia parece funcionar!

Gostaríamos, agora, de analisar brevemente os três poemas de Quintana em que a figura da “morte” aparece como um fantasma a assombrar a vida e a trazer memórias. Porém, antes disso, para esclarecer a complexidade da tarefa de analisar poemas, utilizamo-nos de uma passagem de Antonio Candido (2008) sobre a composição do texto poético e como este pode se estruturar:

[...] maneiras possíveis de trabalhar o texto, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns. Um destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos. (CANDIDO, 2008, p.5).

Seguem-se as análises dos poemas<sup>1</sup>:

### A imagem perdida

Para Sergio Faraco

1 Como essas coisas que não valem nada  
2 E parecem guardadas sem motivo  
3 (Alguma folha seca... uma taça quebrada)  
4 Eu só tenho um valor estimativo...

5 Nos olhos que me querem é que eu vivo  
6 Esta existência efêmera e encantada...  
7 Um dia hão de extinguir-se e, então, mais nada  
8 Refletirá meu vulto vago e esquivo...

9 E cerraram-se os olhos das amadas,  
10 O meu nome fugiu de seus lábios vermelhos,

1 Inserimos números antes dos versos dos poemas para a melhor visualização e compreensão da análise discursiva. Esses números não estão nos versos originais.

11 Nunca mais, de um amigo, o caloroso abraço...

12 E, no entretanto, em meio desta longa viagem,

13 Muitas vezes parei... e, nos espelhos,

14 Procuo em vão, minha perdida imagem!

A maneira compositiva em forma de soneto (dois quartetos e dois tercetos), forma rígida e tradicional do poema “A imagem perdida”, mostra um forte sentido de “encaixar” o poema à sua temática do fim da vida. É como se a morte se referisse ao caixão onde somos enterrados, e um poema sobre o fim da vida pareceu merecer uma forma de composição fechada. Este poema foi musicado por Márcio Faraco.

Na primeira estrofe (versos 1 a 4), o poeta reflete sobre o valor sentimental que as coisas têm para nós, já que nada de material poderemos levar conosco após a morte. Na segunda estrofe (versos 5 a 8), o poeta se vê existir no outro, na presença de outra pessoa. O verbo “extinguir” mostra o fim da “existência”, o próprio fim da vida. Há aqui a relação binária entre existir e extinguir, que tenciona o poema. Na terceira estrofe (versos 9 a 11), a presença física do poeta, pela via do outro, já não existe. E, finalmente, na quarta estrofe (versos 12 a 14), o poeta, após a “longa viagem” da vida, declara ter perdido a “imagem” de si mesmo. O valor da imagem, enquanto reflexo de presença, dá força ímpar à figura de pessoa e se coloca como marco existencial.

Ainda, se observarmos os tempos verbais, veremos que a maioria dos versos se refere ao presente, mesmo que não diretamente (versos 1 ao 6, 12 e 14), ou seja, oito versos; com sentido de passado, há os versos 9 ao 11 e 13, ou seja, quatro versos; e com sentido de futuro, os versos 7 e 8. Nota-se aqui o movimento, por importância decrescente, de Presente-Passado-Futuro. Assim, vemos que o poeta se refere com mais veemência ao presente, aos momentos da memória ativados no agora; o passado demonstra a saudade da amada, dos amigos, das paradas; e o futuro marca o momento da morte e de ser alvo de lembranças.

Assim sendo, após buscar alguns elementos constitutivos do poema, atentamos para as coisas materiais, a presença pela via do outro, a ausência de si nos outros e, por fim, o fim da viagem e da imagem refletida no espelho. Material, presença, ausência e viagem.

A morte é retratada de maneira simplificada, como que para não chocar. O

desprendimento visto no poema vai do material até o efêmero momento da viagem final, como que deixando para trás a materialidade.

A simplicidade com que o poeta articula esses quatro elementos é formidável. Porém, como nos diz Antônio Cândido (2008, p. 25), esta “simplicidade é artificialmente construída” e nos leva a ver a morte como algo não tão ruim, não como o fim da vida, mas simplesmente como uma suave ausência.

### O último poema

1 Enquanto me davam a extrema-unção,  
2 Eu estava distraído...  
3 Ah, essa mania incorrigível de estar pensando sempre noutra coisa!  
4 Aliás, tudo é sempre outra coisa  
5 - segredo da poesia -  
6 E, enquanto a voz do padre zumbia como um besouro,  
7 Eu pensava era nos meus primeiros sapatos  
8 Que continuavam andando, que continuam andando,  
9 Até hoje  
10 Pelos caminhos deste mundo.

De estrutura mais livre, o poema “O último poema” já mostra no título uma presença de finitude. Analisando os versos do poema, vemos que o primeiro se refere diretamente aos momentos finais da morte, à “extrema-unção”. O segundo, terceiro e quarto versos se referem à distração do poeta e à sua imaginação viajante, o que no quinto verso ele confessa como sendo seu “segredo de poesia”. No sexto verso, a voz do padre dando a extrema-unção, e o poeta, desatento como sempre, pensava em seus “primeiros sapatos”, de tempos remotíssimos (no oitavo verso), que continuam “vivos” neste mundo material (versos nove e dez) ou imaterial da memória de Quintana.

Assim, a extrema-unção, o segredo da poesia e os seus primeiros sapatos mostram um movimento entre a materialidade do mundo, a subjetividade da poesia e a força da memória, configurando o poema como uma quase-morte, um limbo entre o interior da alma do poeta e um mundo material fora dele.

Novamente este artifício de sair da materialidade e voltar a ela, em direção à efemeridade e num movimento de vai e vem, é utilizado pelo poeta para suavizar a espera pela morte e a força avassaladora desta.

Esse movimento de morrer, mas escutar, de que tudo seja outra coisa, faz com que o poema tenha uma áurea metamaterial, lidando, ao mesmo tempo, com o que é dos vivos e dos mortos.

### **Quem disse que eu me mudei?**

- 1 Não importa que a tenham demolido:
- 2 A gente continua morando na velha casa em que nasceu.

O poema “Quem disse que eu me mudei?” se resume a dois versos, demonstrando a simplicidade poética ultimíssima. O título já dá uma ideia de deslocamento, de movimento. O verso um dá a entender que a materialidade da casa não importa ao poeta, enquanto o verso dois demonstra a dificuldade de livrar-se das memórias de infância e um certo prazer em tê-las presente, o que se verifica pela conjunção verbal “continua morando”.

Ou seja, resumidamente, somos aquilo que fomos. Assim, a lição do poeta é de que sendo o agora o que fomos, não devemos temer a morte, pois esta última está no futuro e nós habitamos no passado das memórias.

A casa, enquanto figura aconchego, pode ser uma metáfora para o corpo habitado por nós em vida. Um corpo que guarda as marcas, as memórias, as cicatrizes que tivemos. No momento em que deixamos a casa (o corpo, a vida), levamos nossas memórias.

Portanto, desta vida somente levamos – aqui ressaltamos novamente a ideia de movimento – aquilo que está em nossa memória, que temos dentro de nós. O poeta nos diz, claramente, que habita suas memórias mais antigas, mais profundas, dando a elas uma força material quase como que de uma construção física.

Pudemos observar, assim, que nos três poemas de Quintana há um movimento friccional entre a materialidade do mundo e a efemeridade das memórias e da morte. Há um jogo de gato e rato que parece não se desfazer facilmente. Obviamente este é mais um artifício poético para dar a ideia de suavidade da passagem da vida para a morte. Parece haver um

caminho entre o material (a casa, o corpo), as memórias (o abstrato, a distração) e a morte (o fim da vida, o fim da existência encantada). O poeta tenta passar a ideia de que a morte é efêmera e suave, em oposição a sua força transformadora, destruidora.

Visivelmente notamos que Mário Quintana tenta, de todas as formas, suavizar a visão da morte, ligá-la às memórias, fazendo com que exista algo mesmo depois do fim do corpo físico (da casa onde habitamos).

Utilizamo-nos, aqui, de uma passagem de Maria Luiza Saboia Saddi (2011) sobre a abertura a novas possibilidades de compreender algo de nossa realidade vivida através da poesia, o que faz Quintana em relação à figura da morte:

A poesia seria uma estratégia para impedir a fixação dos significados, para fazê-los descolarem-se dos seus conceitos para ampliar os sentidos e mostrar novas possibilidades de pensamento e de vida. Sonho e poesia alimentam-se, por que nos impedem de naufragar no mundo da profundidade, de escorregar no deslizante mundo da superfície e de nos desvanecer sob o mundo das alturas. No sonho, na poesia, o sonhador e o poeta envolvem os três mundos e transitam por eles, sem se submeter a um único deles (SADDI, 2011, p. 4011).

Nos poemas sobre a morte, Quintana jamais se coloca como coitadinho perante a força avassaladora da destruidora morte, porém ele espera que esta seja suave e gentil.

Ainda, a ideia de finitude gentil, efêmera e suave que permeia os poemas aqui colocados somente reforça, analogicamente, a relação morte x poeta, material x abstrato, corpo x memória.

### **Considerações finais**

Pudemos verificar que o poeta se utiliza do artifício do uso da memória para trabalhar com a morte, para suavizá-la em seus poemas. Utilizamo-nos de uma passagem de Jean Cohen (1973) sobre a força da poesia enquanto forma literária inusitada e original, como a poesia de Quintana:

Seria preciso utilizar a figura para suscitar a imagem neutra das coisas, ao passo que, pelo contrário, bastaria chamar as coisas pelo seu nome ("eu digo: uma

flor...”) para induzir a imagem emocional. Mas, na nossa civilização, não é assim. O nosso código é denotativo. É por isso que o poeta é obrigado a violar a linguagem se quer levantar esse rosto patético do mundo, cuja aparição produz em nós essa forma limite de alegria estética que Valéry chama ainda “encantamento” (COHEN, 1973, p. 232-3).

Assim sendo, a energia da morte nos poemas é demonstrada pela força que ameaça a existência tanto do poeta como de todos nós. A morte utiliza-se de suas artimanhas de imitar a vida para burlar nossas últimas aventuras no mundo dos vivos. Até na hora limítrofe da extrema-unção o poeta pensa em poesia. Porém, o poeta, com sua habilidade de lembrar e rememorar, coloca a morte em um lugar de suave limbo.

Concluindo, este exercício de articular pensamentos da morte em alguns poemas de Mário Quintana fica-nos como um exercício do pensar e de descobrir os mecanismos, funcionalidades e movimentos dentro da poesia.

Verificamos, portanto, que a poesia se serve de todos os tipos de discursos e de temas, mesmo aqueles que não desejamos pronunciar.

### Referências bibliográficas

ANTELO, Raul. Um intelectual de extimidades – entrevista. *Revista Palíndromo*. 2010, n. 3, pág. 257-283.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega, vol. I*. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CANDIDO, Antônio. *Na sala de aula: cadernos de análise literária*. São Paulo: Ática, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *The Penguin Dictionary of Symbols*. London: Penguin Books, 1996.

COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1973.

DUQUE, Ireneo Martin; CUESTA, Marino Fernandez. *Generos Literarios: iniciación a los estudios de literatura*. 7ª edición, Madrid: Playor, 1982.

QUINTANA, Mário. *Quintana de bolso: rua dos cataventos & outros poemas*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SADDI, Maria Luiza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: *Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)*. 2011, Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012.

SARTRE, Jean-Paul. *Existentialism is a humanism*. Yale: Yale University Press, 2007.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. *Practices of looking: an introduction to visual culture*. New York: Oxford University Press, 2005.